

**MALATESTA** **MALATESTA** **MALATESTA**  
 textos escolhidos

Viveu como um modesto trabalhador e compnheiro leal. Sempre disposto a defender seus pontos de vista sem se impor. Teve uma vida atribulada e combativa. Atravessou muitos países, chegando a Argentina e Libano. Várias vezes preso e condenado a morte, só não foi executado devido ao apelo que gozava entre a classe trabalhadora. Morre sob prisão domiciliar, condenado pelo fascista Mussoline. Sua vida foi uma lição! Seus escritos incrivelmente atuais.

É pela força que resistiremos a qualquer "ditadura" ou "constituinte" que tentarem substituir as massas revolucionárias. E lutaremos contra a república, como lutamos contra a monarquia, se, por república, entender-se um governo que qualquer que seja o modo pelo qual chegou ao poder, fizer as leis e dispuser de meios militares e penais para impor obediência às pessoas.

*Errico Malatesta*

O único limite à opressão do governo é a força com que o povo se mostra capaz de opor-lhe. O conflito pode ser aberto ou latente, mas há sempre conflito: pois o governo não se dá conta do descontentamento e da resistência do povo, até que sirva o perigo de insurreição.

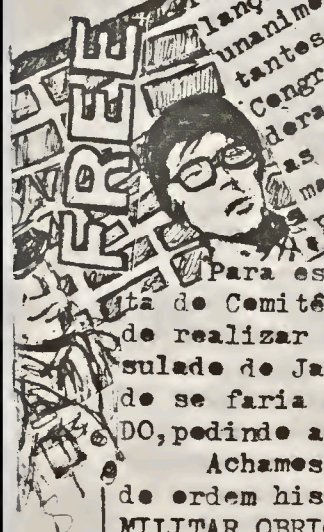
Quando o povo se submete docilmente à lei, e quando o protesto é fraco e platônico, o governo segue tranquilamente sem preocupar-se com as necessidades populares: contudo, quando os protestos são vivos, insistentes e ameaçadores, o governo cede, ou ainda repiime, conforme simula-se mais ou menos inspirado. Entretanto, a insurreição volta sempre porque, se o governo não cede, o povo termina por revoltar-se: e se o governo cede, o povo adquire confiança em si mesmo e quer sempre mais, até que a incompatibilidade entre liberdade e autoridade se torne evidente e que ocorra o conflito violento.

É preciso, pois, preparar-se moral e materialmente para que a vitória seja do povo quando eclodir a luta violenta.  
 (Programma Anarchico, Bologna, julho de 1920)

(Unitarià Nova, 6 de maio de 1920)

Salvo nos casos mencionados, onde o emprego da força se justifica porque é uma defesa contra a força, estamos sempre contra a violência e pela livre vontade.

Há 15 dias de 6 de agosto reforça mes e nesse chamamento para a organização coletiva de III APOCALIPSE, NIOI. Achamos que a responsabilidade é de todos que assumem a luta anti-militarista. Lembremos que a proposta de realizar evento anti-militar no 6/8 foi lançada pelo pessoal do grupo SOMA e unanimemente aprovada por represen- tantes de 7 estados brasileiros, no Congresso Operária Brasileira, durante as comemorações dos 100 anos de Independência da República, em maio, em 1986. Posteriormente essa posição foi reforçada pela 1ª Jornada da Liberdade de SP. pelo I Encontro



OMORI  
 Para esse ano apoiemos a proposta do Comitê de Solidariedade a Omeri de realizar o evento em frente ao Consulado do Japão, na Av. Paulista - quando se faria a entrega do ABAIXO-ASSIMADO, pedindo a libertação de Omeri. Achamos, tb, que além das palavras de ordem históricas (CONTRA O SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO, CONTRA A PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ARMAS, CONTRA AS USINAS NUCLEARES, CONTRA O APARTHEID e PELA DESOBEEDIENCIA CIVIL) é hora de Juntarmos LIBERDADE AOS OBJETOES DE CONSCIENCIA (além de Omeri, não podemos nos esquecer de Valastro preso na Itália, como o Alemão aqui em Pentagres, sa, por se recusar a servir o exército; nem de Lâmia em Israel, Cristina na Alemanha Oc.; Araneda, Denese e Moya - condenados a morte por Pinochet; Mandella e outros ó condenados pelo racismo sul-africano... a lista é enorme e merece publicação a parte. Mas, dado o descalabro de momento constitucional, devemos nos afirmar CONTRA A PENA DE MORTE.

**COLETIVO LIBERTARIO**  
 ORGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ANARQUISMO  
 Cx. P. 11.124 CEP 05499

Nº 20  
 JUL/78

**MALATESTA**

Nascido a 14/12/1853  
 +MORRE A 22 de JULHO/1932=

"Aquele que pode adaptar-se e viver contente entre escravos e tirar proveito do trabalho de escravos, não é e não pode ser anarquista."  
 "É anarquista, por definição, aquele que não quer ser nem oprimido nem opressor, aquele que quer o máximo de bem-estar, o máximo de liberdade, o maior desenvolvimento possível para todos os seres humanos."

*Errico Malatesta*

textos escolhidos



56 anos depois



## Anarquismo e Violência

McKinley o chefe da oligarquia norte-americana, o braço direito e defensor dos gigantes do capitalismo, o traidor dos cubanos e dos filipinos, o homem que deu o sinal verde para o massacre dos grevistas de Hazelton e para as torturas dos mineiros de Idaho, o carrasco dos trabalhadores da "República modelo", McKinley que encarnava a política militarista, expansionista e imperialista da próspera burguesia americana, McKinley tombou sob as balas de um anarquista.

O que lamentar, se não a sorte que aguarda o homem generoso que, de maneira oportuna ou não, por boas ou más razões ratamente falando, ofereceu-se em sacrifício pela causa da igualdade e da liberdade...

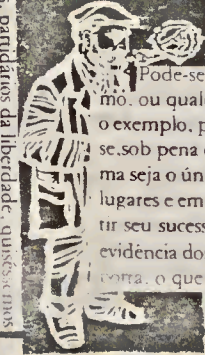
Os que condenaram o ato de Czolgosz poderiam dizer que a causa dos trabalhadores não avançou um passo, que McKinley foi substituído por outro, equivalente, Roosevelt, e que tudo continua como antes, salvo que a situação dos anarquistas tornou-se um pouco mais difícil. Talvez tenham razão e é até provável que este seja o caso, do que eu conheço da América.

Mas isto significa simplesmente que, assim como há, numa guerra, operações brilhantes e outras erradas, há combatentes prudentes e outros que se deixam facilmente levar pelo entusiasmo, tornando-se um alvo fácil para o inimigo, evitando mesmo comprometer a situação de seus camaradas. Isto significa que cada um deve aconselhar, defender e praticar os métodos que parecemos os mais aptos para obter a vitória no tempo mais curto e com o menor sacrifício possível. Mas isto não muda nada no fato fundamental e evidente de que aqueles que lutam, bem ou mal, contra o inimigo comum, no nosso mesmo objetivo, são nossos amigos e estão no direito de esperar de nós uma calorosa simpatia, mesmo se não pudermos dar-lhes a mesma aprovação incondicional.

Que o combatente seja uma coletividade ou um único indivíduo, não pode mudar o aspecto moral do problema. Uma insurreição armada de senacada de modo oportuno pode prejudicar de modo real ou aparente a guerra social que empreendemos, assim como um atentado individual que terá a sensibilidade popular. Mas se a insurreição se produzir para conquistar a liberdade, ninguém usará recusar o caráter de combatentes sócio-políticos aos insurrectos vencidos. Por que seria diferente quando o insurrecto é um único indivíduo?

Não se trata aqui de discutir táticas. Se fosse o caso, eu diria que em geral prefiro a ação individual, inclusive porque a ação coletiva exige qualidades que são simplesmente mais comuns e tornam possível, em terra medida, a repartição das tarefas, enquanto que não podemos contar com o heroísmo exigido pelo sacrifício individual, heroísmo que é excepcional, por natureza, esporádico. Trata-se de um problema de uma outra ordem, mais elevada. É uma questão de espírito revolucionário, des-sentimento quase instintivo de ódio pela opressão, sem o qual os progressos permanecem ineficazes, por mais libertárias que sejam as proposições que encerram. É uma questão de espírito de combatividade sem o qual mesmo os anarquistas acabam por ser domesticados, e terminam, por uma via ou por outra, no lodçal do legalismo.

(Umanità Nova, 24 de novembro de 1921)



## Produção e Distribuição

Pode-se, pois, preferir o comunismo, o individualismo ou o coletivismo, ou qualquer outro sistema imaginável e trabalhar, pela propaganda e o exemplo, para o triunfo destas aspirações: contudo é necessário precaver-se sob pena de um desastre iminente, de pretender que seu próprio sistema seja o único sistema infalível, válido para todos os homens em todos os lugares e em todos os tempos, e de que é preciso, a qualquer preço, garantir seu sucesso por outros meios que não sejam a persuasão que nasce da evidência dos fatos. Garantir a todos os meios de serem livres: eis o que importa, o que é indispensável, a base de tudo.

(Il Risveglio, 30 de novembro de 1929)

É preciso produzir, dizem o governo e a burguesia.  
É preciso produzir, dizem os reformistas.  
É preciso produzir, dizem nós também.  
Mas produzir para quem? e produzir o quê? E porque razões não se produz o suficiente?  
Alguns dizem que não podemos fazer a revolução, porque a produção é insuficiente e que correríamos o risco de morrer de fome.  
Entretanto, nós dizemos que é preciso fazer a revolução para poder produzir, para impedir que a maior parte da população não ainja um estado crônico de inanição.

(Umanità Nova, 7 de março de 1920)

Queremos que, no próprio ato da revolução, e logo que a derrota do poder militar burgues permita, todas as organizações operárias e todos os grupos conscientes, todos os voluntários do movimento por sua livre iniciativa, pratiquem, rápida e imediatamente, a desapropriação e a comunhão de todas as riquezas existentes, para proceder, sem atrasos, à organização da distribuição em função das necessidades e dos desejos das diferentes regiões, das diferentes comunas, dos diferentes grupos. A fim de chegar, assim, sob o impacto da ideia e das necessidades, às tréguas, aos pactos, aos acordos exigidos pela vida social.

(Umanità Nova, 9 de maio de 1920)

A organização, que nada mais é do que a prática da cooperação e da solidariedade, é a condição natural e necessária, da vida social; ela é um fato inelutável, que se impõe a todos, na sociedade humana em geral como em qualquer grupo de pessoas que possuam em comum um objetivo a atingir.

O homem não quer e não pode viver isolado; diria mesmo que ele só pode ser verdadeiramente homem se satisfizer suas necessidades materiais e morais na sociedade, e em cooperação com seus semelhantes; aqueles que não dispuserem dos meios para se organizar livremente com os que têm os mesmos interesses e os mesmos sentimentos, ou que não são ainda suficientemente conscientes para fazê-lo, aceitam facilmente a organização feita pelos outros indivíduos, geralmente constituídos em classe ou grupo dirigente, com a finalidade de explorar em seu proveito o trabalho de outrem. A opressão milenar das massas por um pequeno número de privilegiados sempre foi a consequência da incapacidade do maior número de entender-se e organizar-se com os outros trabalhadores no domínio da produção, do lazer, da defesa; se necessário, contra quem quiser explorá-los e oprimi-los.

O anarquismo nasceu para remediar este estado de coisas...

(Il Risveglio, 15 de outubro de 1927)

## MALATESTA textos escolhidos

**A** VOTE NULO NÃO SUSTENTE PARASITASI



## A Organização

(Umanità Nova, 21 de outubro de 1922)

Pensamos que a violência é necessária, que é um dever, quando é defensiva e somente quando for defensiva. E por defensiva queremos dizer contra a agressão física, direta, imediata, mas também contra todas as instituições que mantêm, graças à violência, as pessoas em escravidão. Somos contra o fascismo e gostaríamos de vencê-lo opondo à sua violência uma violência ainda maior. Somos contra todo governo porque o governo é a violência permanente.

(Pensiero e Volontà, 1.º de setembro de 1924)

Os anarquistas não são hipócritas. É pela força que se resiste à força; hoje contra a opressão de hoje, amanhã contra aqueles que poderiam tentar substituir por uma outra opressão a de hoje.

(Umanità Nova, 25 de agosto de 1921)

Houve, na Itália, um partido que, visando a objetivos altamente civilizados, incumbiu-se de eliminar nas massas qualquer confiança na violência... e conseguiu torná-las incapazes de qualquer resistência diante da menção do fascismo. Acreditado que o próprio Turati reconheceu mais ou menos claramente, deplorando este fato em seu discurso de comemoração de Jaurès em Paris.

Os anarquistas não são hipócritas. É pela força que se resiste à força; hoje contra a opressão de hoje, amanhã contra aqueles que poderiam tentar substituir por uma outra opressão a de hoje.

Os anarquistas são contra a violência. Todo o mundo sabe. A ideia central do anarquismo é a eliminação da violência na vida social, é a organização das relações sociais baseada na livre vontade de todos e de cada um, sem intervenção do *policial*. É por isso que somos inimigos do capitalismo que, apoiando-se na proteção do *policial*, obriga os trabalhadores a se deixarem explorar por aqueles que detêm os meios de produção, ou até a ficarem sem trabalho e a sofrerem fome quando os patrões não têm interesse em explorá-los. É por isso que somos inimigos do Estado que é a organização coercitiva, violenta, da sociedade.

Mas se um homem de honra diz que considero estúpido e bárbaro discutir com um portete na mão e que é injusto e mau obrigar alguém a submeter-se à vontade de outro sob a ameaça de um revólver, será razoável deduzir que este homem vai deixar-se espancar e submeter-se à vontade de outrem sem recorrer aos meios de defesa mais necessários?

... A violência só se justifica quando for extrema para defender a si mesmo, ou defender os outros contra a violência. O delito começa onde termina a necessidade.

... O escravo está sempre em estado de legítima defesa e portanto, sua violência contra o senhor, contra o opressor, é sempre moralmente justificável; ela deve ter como regra um único critério: a utilidade e a economia do esforço e dos sofrimentos humanos.

Os anarquistas são contra a violência. Todo o mundo sabe. A ideia central do anarquismo é a eliminação da violência na vida social, é a organização das relações sociais baseada na livre vontade de todos e de cada um, sem intervenção do *policial*. É por isso que somos inimigos do capitalismo que, apoiando-se na proteção do *policial*, obriga os trabalhadores a se deixarem explorar por aqueles que detêm os meios de produção, ou até a ficarem sem trabalho e a sofrerem fome quando os patrões não têm interesse em explorá-los. É por isso que somos inimigos do Estado que é a organização coercitiva, violenta, da sociedade.

Mas se um homem de honra diz que considero estúpido e bárbaro discutir com um portete na mão e que é injusto e mau obrigar alguém a submeter-se à vontade de outro sob a ameaça de um revólver, será razoável deduzir que este homem vai deixar-se espancar e submeter-se à vontade de outrem sem recorrer aos meios de defesa mais necessários?